

Conclusão

Neste trabalho apresentei algumas das práticas tradutórias ocidentais mais significativas ao longo do tempo – da Antigüidade Clássica à contemporaneidade –, destacando o contexto histórico como força determinante no exercício dessas práticas.

Devido ao excesso de categorias existente para descrever as práticas tradutórias, dediquei o segundo capítulo desta dissertação a um esclarecimento terminológico-conceitual com intuito de simplificar a “confusão” gerada por aquele excesso. Dos muitos modos de traduzir, escolhi apenas três: *palavra-por-palavra*; *sentido-por-sentido* e *imitação*, os quais descreveram satisfatoriamente as práticas tradutórias aqui apresentadas. É importante ressaltar que há gradações possíveis entre os tipos de tradução e que um mesmo texto traduzido pode envolver várias estratégias, as quais dependem do tipo de texto e do objetivo da tradução.

Os romanos da Antigüidade Clássica tinham grande admiração pelo patrimônio artístico grego e, através da tradução, recriaram em latim o melhor da cultura grega. O objetivo da tradução romana foi, sobretudo, o exercício estilístico como um meio para enriquecer a língua latina e para aprender a arte da retórica, importante recurso da linguagem centrado no poder da palavra. Os registros da tradução romana indicam que ela caracterizou-se principalmente pela *imitação*.

Em relação à Idade Média, apresentei as práticas tradutórias de São Jerônimo, de Boécio e da Escola de Toledo, esta última realizada vários séculos depois das duas primeiras. No período medieval, ocorreu a diferenciação entre a tradução sacra e a profana. A sacra, resultado do avanço do cristianismo, caracterizou-se pela *tradução palavra-por-palavra*: a palavra de Deus não deveria ser alterada. Boécio defendia a tradução palavra-por-palavra também para os textos filosóficos, argumentando que este modo de traduzir impedia a corrupção da verdade. A tradução profana caracterizou-se pela *tradução sentido-por-sentido* – defendida por São Jerônimo, para quem a fidelidade ao sentido do texto era primordial – e pela *imitação*. Esta prevalecia na Escola de Toledo, na qual os textos sofriam alterações para atender às necessidades dos que encomendavam a

tradução: no século 12, o poder eclesiástico; no século 13, o monárquico. Na Renascença, destaquei algumas das práticas tradutórias mais significativas e priorizei três países: a Inglaterra, a França e a Alemanha.

Na Inglaterra renascentista, o objetivo político-cultural da tradução era o enriquecimento e fortalecimento da língua vernácula e as estratégias tradutórias constituíam-se em função desse objetivo. A prática tradutória inglesa desse tempo caracterizou-se principalmente pela *imitação*: os tradutores omitiam ou acrescentavam certas passagens e modificavam o estilo do original para tornar o texto mais acessível ao leitor.

Na França renascentista, como na Inglaterra, o enriquecimento e fortalecimento do vernáculo era o objetivo a ser atingido pela tradução. A prática tradutória neste país também caracterizou-se predominantemente pela *imitação*, pois os tradutores valiam-se de paráfrases e de explicações para garantir a clareza textual.

Na Alemanha renascentista, a tradução foi marcada pela prática tradutória de Martinho Lutero, que priorizou a *tradução sentido-por-sentido*, ainda que algumas vezes tenha traduzido *palavra-por-palavra*: tratava-se do que era necessário e possível naquele momento histórico em particular. Lutero transformou o complexo texto bíblico em um texto compreensível ao homem comum. A Bíblia de Lutero ajudou a consolidar a Reforma Protestante e representou a expansão e fixação da língua alemã.

Na Inglaterra iluminista, o objetivo da tradução era ainda o de elevar o padrão do vernáculo. Nos registros da prática tradutória inglesa desse tempo, identificam-se muitas contradições nos comentários de famosos tradutores e intelectuais da época. Muitas vezes eles diziam não valer-se da imitação, mas modificavam o estilo do original e recomendavam certa quantidade de alteração e omissão. Se por um lado foi possível identificar uma prática tradutória caracterizada pela *tradução sentido-por-sentido*, por outro havia também fortes sinais da *imitação*. Os tradutores naturalizavam o texto estrangeiro de forma a aproximá-lo da cultura inglesa.

Na França do Iluminismo a atividade tradutória caracterizou-se pela *imitação* – foi a época das famosas *belles infidèles*. O objetivo da tradução era fixar e impor a cultura francesa e para tal os tradutores adaptavam os clássicos ao gosto francês.

No Brasil do século 19, a tradução dos romances-folhetins guiou-se pela noção das *belles infidèles* francesas do século 17 – devido à forte influência da cultura francesa sobre o Brasil daquele tempo –, tendo se caracterizado pela *imitação*.

Durante a primeira metade do século 20, a *imitação* também predominou no Brasil. Autores já consagrados dedicaram-se à tradução como alternativa de subsistência. Nasceram os *autores-tradutores*, que dessacralizavam o original, colocando-se em posição de igualdade em relação ao autor estrangeiro, fazendo alterações significativas no texto, numa apropriação do original.

As traduções do Clube do Livro entre as décadas de 1943 e 1960 também caracterizaram-se pela *imitação*. O Clube do Livro, para cumprir sua meta de levar o maior número possível de livros às casas brasileiras por preços competitivos, exigia, entre outras intervenções, cortes significativos nos textos para que os livros pudessem ter um certo número de páginas de modo a garantir os lucros.

Não posso deixar de comentar, nesta conclusão, a predominância da *imitação* como modo de traduzir no conjunto das práticas aqui apresentadas. Essa predominância é surpreendente na medida em que contraria a visão que se tem *hoje* acerca da atividade tradutória. Em geral, supõe-se que a tradução é feita palavra-por-palavra, podendo, no máximo, oscilar entre esse modo de traduzir e a chamada sentido-por-sentido.

Tendo percorrido o percurso a que me determinei, acredito ter cumprido meu objetivo de apresentar algumas das práticas tradutórias mais significativas, em diferentes momentos e lugares, e o quanto elas estiveram circunscritas às relações de poder exercidas nos planos político, sócio-cultural e econômico. Através desse viés foi possível entender o porquê das escolhas de obras para tradução e os motivos que determinaram as estratégias tradutórias adotadas. É importante ressaltar, no entanto, que, na direção oposta, a tradução pode ter um papel revolucionário e influenciar a história. A tradução da Bíblia por Lutero é um exemplo disso. A pesquisa histórica da escrita tradutora sem dúvida traz uma melhor compreensão da complexidade que caracteriza essa atividade.

Procurei elaborar um texto didático tendo o universo acadêmico como horizonte de relevância. Creio, por exemplo, que ele pode contribuir para o ensino da tradução, já que constitui um material que reúne em um único texto as práticas

tradutórias mais significativas apresentadas de modo disperso em várias obras. Quero também aqui sublinhar minha preocupação em relacionar tais práticas aos contextos históricos que lhes são próprios. Espero ainda que aqueles que eventualmente venham a ler este trabalho compreendam que a prática tradutória não resulta de uma preferência individual e arbitrária, mas de agentes externos que funcionam como reguladores dessa prática.